

Um “Universo Pittoresco” para a ficção na imprensa periódica portuguesa

*A "Picturesque Universe" forfiction in the Portuguese
periodical press*

Simone Cristina MENDONÇA*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

RESUMO: Notícias, fatos históricos, biografias e narrativas ficcionais são textos encontrados em jornais Portugueses do início do século XIX. Estabelecendo um recorte, investigaremos o periódico *Universo Pittoresco* (1839), publicado com a indicação “jornal de Instrução [sic] e Recreio”, disponível em versão digital no *site* do projeto temático “O Real em revista”. A partir das imagens das páginas do jornal, verificamos que foram nele publicados textos em prosa de ficção, alguns dos quais intentamos analisar material e textualmente. Para tanto, são utilizados materiais teóricos que versam sobre a História do Livro e da Leitura (CHARTIER, 2001 e DARNTON, 1990); a imprensa periódica em Portugal (TENGARRINHA, 1989); as questões relativas à publicação e à leitura de textos em prosa de ficção (THÉRENTY, 2015), entre outros. A pesquisa contou com o apoio do CNPq sob forma de bolsa PIBIC, contudo o início dos trabalhos deu-se em pós-doutorado realizado no Ibilce/Unesp, entre 2015 e 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa periódica. Portugal. Século XIX. Ficção. *Universo Pittoresco*.

ABSTRACT: News, facts, biographies and fictional narratives are texts found in Portuguese newspapers of the early nineteenth century. Establishing a clipping, we will investigate the periodical *Universo Pittoresco* (1839), published like "jornal de Instrução [sic] e Recreio", available as a digital version on the website of the project "O Real em revista". From the images of the newspaper, we find prose fiction published in it, some of which we try to analyze materially and textually. For that, theoretical materials are used that deal with: History of the Book and the Reading (CHARTIER, 2001 and DARNTON, 1990); periodic press in Portugal (TENGARRINHA, 1989); issues related to the publication and reading of texts in prose fiction (THÉRENTY, 2015), among others. The research had the support of the CNPq in the form of a *PIBIC* scholarship. The beginning of the research took place in the post-doctoral at Ibilce / Unesp between 2015 and 2016.

* Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP, licenciada em Letras pela mesma instituição. Professora adjunta da Faculdade de Estudos da Linguagem, na recém-criada UNIFESSPA. E-mail: simonecm@ufpa.br

KEYWORDS: Periodic press. Portugal. XIX Century. Fiction. *Universo Pitoresco*.

Introdução

No início do século XIX, dos prelos das tipografias portuguesas já saíam muitos periódicos, como jornais e revistas, tal como pode ser verificado em fontes primárias e em pesquisas teóricas sobre a história da imprensa periódica em Portugal, a exemplo dos estudos de José Tengarrinha (1989) e de Ernesto Rodrigues (1998). Este último concentrou-se nos estudos sobre a publicação de textos em prosa de ficção, em seu livro *Mágico Folhetim*, no qual elencou títulos de periódicos em que eram impressas narrativas cheias de duelos, sequestros, ciladas e crimes, com personagens nobres e plebeus, como uma condessa ou uma serva (RODRIGUES, 1998, p. 55).

No rico panorama de periódicos e histórias ficcionais apresentado pelo autor, percebemos que os leitores daquela época lidavam com a luta do bem *versus* o mal, alegravam-se com finais felizes ou refletiam sobre finais trágicos, após acompanharem a felicidade alcançada pelos personagens bons e o castigo dado aos maus. Tudo isso, porém, não vinha impresso de maneira separada, pois nos jornais e revistas essas narrativas estavam misturadas com notícias, publicações e descobertas científicas, textos de história e de política, entre outros assuntos (RODRIGUES, 1998).

Especificamente em Portugal, os periódicos que publicavam textos em prosa de ficção contaram com o fato de que a censura aos impressos mostrava-se menos severa para com aqueles que se apresentavam como literários:

As medidas restritivas da liberdade de Imprensa promulgadas de 1840 a 1847 não atingiam, porém, como vimos, os periódicos literários e científicos e os diários das câmaras legislativas e do governo. Os periódicos literários e científicos haviam adquirido notável desenvolvimento após 1834. Entre eles destacavam-se *O Panorama* (Lisboa 1837), redigido por Alexandre Herculano, e a *Revista Universal Lisbonense* (Lisboa 1841), de António Feliciano de Castilho, revistas que no seu género se poderiam colocar sem desvantagem ao lado das melhores que então se publicavam na Europa, tanto no aspecto gráfico como literário (TENGARRINHA, 1989, p. 175).

No mesmo período mencionado pelo pesquisador, foi publicado o jornal

objeto de nossos estudos, o *Universo Pittoresco. Jornal de Instrução e Recreio*¹.

1. Um jornal de instrução e recreio

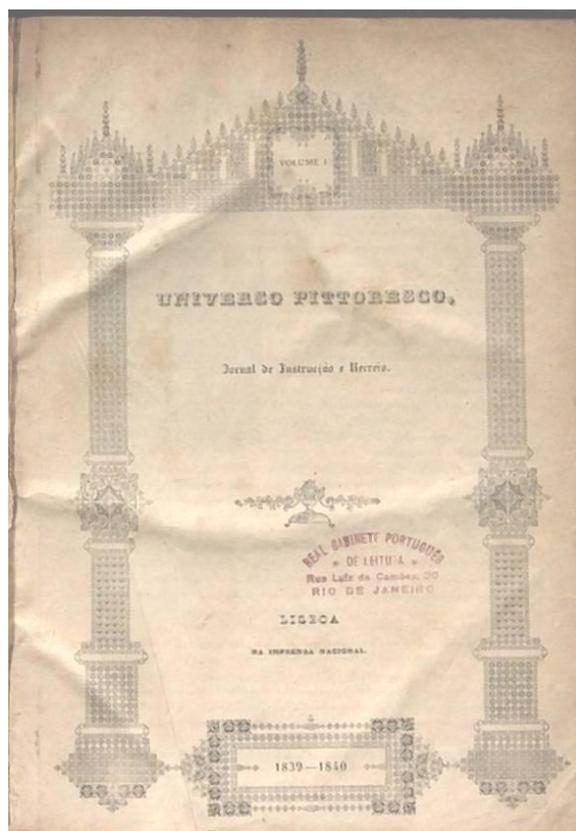
Universo Pittoresco. Jornal de Instrução e Recreio foi um periódico publicado mensalmente pela Imprensa Nacional de Lisboa entre os anos de 1839 e 1840, contendo extensão de 16 páginas, cujo conteúdo pode ser consultado em versão digital disponibilizada pelo Real Gabinete Português de Leitura, no *site* do projeto “O Real em Revista” (ver Figura 1).

O Volume relativo aos anos de 1839-1840 é aberto com um Prólogo que, após tecer breve histórico das guerras do continente europeu, elenca informações sobre a imprensa instrutiva no século XIX:

Desse modo, o leitor, que, por mingoa de tempo não se affoutaria a abrir um livro, cujo volume o desanimára, colhe com avidez estes pequenos folhetos, que principiam por deleita-lo, e finalizam por instrui-lo. Foi a Inglaterra o primeiro de todos os paizes que conheceu esta necessidade, publicando-se em Londres, com o titulo *Lady's Magasine*, as primeiras produções deste genero, que appareceram na Europa. A França seguiu mais tarde o seu exemplo, sendo em 1833 que se publicou o primeiro numero do *Magasin Pictoresque*; e em Portugal foi recebido com geral acceitação o *Recreio* em 1835, tendo já apparecido em 1816 a *Mnemosine Lusitana*, periodico em 8º francez, que chegou a completar dois volumes. (Prólogo, p. 2).

Figura 1: Frontispício de *Universo Pittoresco. Jornal de Instrução e Recreio*

¹ Serão respeitadas a ortografia e a pontuação das fontes primárias. O periódico encontra-se disponível em: <www.orealemrevista.com.br> e foi consultado a partir de 10 de agosto de 2015. São três volumes digitalizados para consulta, o 1º contém 493 páginas, o 2º, 482 páginas e o 3º contém 483 páginas.



Disponível em:

<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=RealGabObrasRaras>.

Cientes do perfil de seus leitores, já acostumados com a informação breve, que rapidamente lhe instrua em seu pouco tempo disponível, desejosos de leituras que os distraíssem em vez de desanimá-los, os redatores ainda trouxeram sucintos dados históricos sobre “as primeiras produções deste gênero”, de folhetos e revistas, na Inglaterra, na França e em seu próprio país.

Em uma visão geral, percebe-se que os números do *Universo Pittorresco* são divididos em seções, com rubricas, e que dentro de cada seção há textos e ilustrações, algumas menores, outras maiores. Trazia a numeração contínua nas páginas de cada número, facilitando a futura encadernação do volume anual, e era contemplado com gravuras de página inteira, com ilustrações de paisagens, de construções civis, como templos, e de retratos de pessoas relacionadas aos artigos (ver Figura 2).

Figura 2: ilustração da página 14, número 1, janeiro de 1839.



Disponível em: <<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=RealGabObrasRaras>>.

Além de Biografias, “Ephemerides”, citações, anedotas, da descrição de viagens, como “As aventuras de Mr. Dillon nas Ilhas Viti” (p. 86), e dos assuntos relacionados à História, à Geografia, à Botânica e aos conhecimentos gerais, o periódico contou com uma coluna de “Variedades” apenas no número 1, com “Um mysterio historico” (pp. 3-8), que tem prosseguimento no mês seguinte, entre as páginas 18 e 25.

Curiosidades vindas da Itália, da Rússia, da França, dos Estados Unidos, do Egito, da Índia, da Turquia, da Síria, da Espanha, de Portugal e do Brasil, como o artigo “Cidade do Pará” (pp. 88-90), figuravam neste *Universo* cheio de histórias, pinturas e detalhes para a imaginação dos leitores, como dito no Prólogo, com pouco tempo para dedicarem-se à instrução e ansiosos por momentos de lazer enquanto liam.

Os artigos poderiam vir seriados, com continuidade em edições seguintes, como “As aventuras de Mr. Dillon” citadas, que retornaram nas páginas 102 e 123; ou a rubrica “Historia”, que na página 139 surge com a nota: “continuada de páginas 113”.

Ao findar do número 7, encontramos uma nota, que antecede um prospecto elencando obras de Almeida Garrett, de todos os gêneros, que se pretendia publicar:

Dando lugar nas columnas do nosso jornal ao prospecto das Obras do Sr. Garrett, cumprimos um dever agradavel a todo homem que prezar a litteratura patria. Recommendar aos nossos leitores as producções de tão insigne escriptor, e tecer-lhe encomios, seria tarefa desnecessária, quando o nome do Autor, já tão conhecido na litteratura portugueza, envolve em si mesmo quantos elogios e recommendações se lhe possam fazer (p. 112).

Ao que tudo indica, a Imprensa Nacional, aqui representada pelo *Universo*, irá proporcionar aos seus leitores novas edições, lançadas periodicamente, para as quais

iniciará um processo de subscrição e arrecadação dos montantes necessários, em vários pontos espalhados pelo país:

O preço de cada volume em papel super-fino será, para os assignantes, de 600 réis, pagos sómente no acto de receber o exemplar. Nos primeiros dias de Junho próximo sahirá o 1º volume; e continuará a sahir um volume todos os trez mezes pelo menos. Publicado o 3º volume não se acceitarão mais assignaturas, e o preço será augmentado. Recebem-se assignaturas em Lisboa, em casa da Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres n.º 45, e na da Viuva Henriques, na rua Augusta n.º 1. No Porto, em casa de Mr. Moré, rua de Santo Antonio n.º 42. Em Coimbra, em casa de Antonio Lourenço Coelho (p. 112).

Interessante é notar que, embora tenha publicado poucos textos em prosa de ficção em suas páginas, o *Universo* contribuiu para a divulgação da literatura, de modo alternativo, utilizando parte de seu conteúdo para propagandear a impressão de livros feitos na Imprensa Nacional, sua casa impressora. Romance, teatro, poesia, tratados e história da literatura saíam, conforme o prospecto, em 18 volumes, sendo todos do autor português já renomado. Não fomos capazes, infelizmente, de encontrar algo que nos indicasse a negociação possível entre o jornal e Almeida Garrett, nem mesmo se o intento de publicação de suas obras obteve sucesso, porque não foi publicado mais nenhum comentário acerca do assunto.

2. Um “Universo Pittoresco” para a ficção

Na página 153 do periódico, encontramos “Uma novena”, texto anonimamente publicado, que se assemelha a um conto histórico, cujo enredo situa-se no ano de 1822, período próximo ao de sua publicação. O texto é dividido, de modo que sua continuação vai sendo publicada nos próximos números, sem que haja, contudo, uma estratégia do redator em dividir a história exatamente em momentos de clímax, a fim de gerar a curiosidade dos leitores, tal como ocorria em outros periódicos europeus, analisados por Marlise Meyer (1996). Na folha de que aqui tratamos, ocorria o que Rodrigues (1998, p. 209) chamou atenção ao analisar as primeiras publicações de prosa de ficção nos jornais: não era o conteúdo da história que regia a interrupção do texto, mas o espaço

físico da página.

O conto “Emelina de Sombreuil” (pp. 169-172) surgiu em novembro de 1839, revelando-nos o espantoso caso de uma jovem apaixonada por seu primo Alfredo, o qual partiu para a América em busca de uma herança. Dada a demora da volta do parente, noticiado como morto, o pai de Emelina decretou seu casamento com outro pretendente, um rico senhor de idade avançada, recém-chegado à cidade de Toulouse, onde habitavam. A protagonista que dá nome ao conto falece menos de um mês depois dos sponsais, coincidindo a data com o retorno de Alfredo. Incrédulo da história de que toma conhecimento, o primo foi ao cemitério, removeu a terra, abriu as tábuas do ataúde e ouviu o grito de Emelina, que, fantasticamente, voltou à vida. Em segredo, Alfredo partiu para Paris com a amada convalescente, cujas forças “mal podiam suportar tão forte situação, tão inconcebível ventura” (p. 170). Lá, casaram-se, sem que o leitor soubesse detalhes sobre nomes ou documentos novos arranjados para a jovem, notoriamente já casada, morta e, incrivelmente, ressuscitada.

As surpresas do conto não cessaram, pois, por ocasião da morte do Sr. de Sombreuil foi exigido de Alfredo, parente mais próximo, que viajasse para Toulouse a fim de sanar dívidas do tio. Convicta de que dez anos passados haviam transformado sua aparência em demasia, Emelina acompanhou o esposo, acreditando não ser jamais reconhecida. Não contavam os consortes com a memória do primeiro marido que, reconhecendo-a, reclamou às autoridades judiciais sua esposa. A confusão estava formada, pois que a justiça decretou legítimo o pleito e Emelina foi forçada a acompanhá-lo. O desfecho trágico já esperado revelou que, sem a menor condição de cumprir sua sentença, a protagonista tomou veneno, expirando no leito nupcial.

Os episódios, aqui, foram complicando-se, incompreensivelmente, quase como se o autor do conto brincasse com a benevolência de seu público, crente de que, cativo, este não abandonaria a leitura pela ausência de esclarecimentos, dados críveis ou fatos minimamente verossímeis. Morte anunciada que se revela como mentira, jovem morta (ou enterrada viva?) que inexplicavelmente revive, bigamia concedida sem maiores comentários, justiça que decreta união com marido deixado há dez anos, impotência de Emelina para fugir do destino e, um dos poucos atos verossímeis do conto, suicídio. O frágil fio narrativo é composto de várias peripécias, para exposição das quais é preciso ter muita confiança no receptor e em sua capacidade de lidar com grandes emoções.

Pelo visto, o contista não erra.

Apenas no último exemplar do ano publicou-se um texto precedido da rubrica “Romance”, em dois capítulos, intitulado “As ruínas de Palmyra” (pp. 181-183), que teve como preparativos para o leitor um breve texto histórico sobre da cidade de Palmyra (Tadmor), na Síria, uma gravura de meia página com a legenda “Ruínas de Palmira” (Ver Figura 3), dividindo espaço com as de “Rinoceronte” e “Tigre” (não há paginação nas folhas com ilustrações), que serão retomados mais adiante, em artigos da rubrica “História Natural” (pp. 187-188).

Figura 3: ilustração que precede “As ruínas de Palmyra. Romance” (p. 181).



Disponível em:

<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=RealGabObrasRaras>.

Chama atenção o fato de que o conto/romance em questão havia sido publicado no número 40 de outro periódico, *O Mosaico*, em período cronologicamente muito próximo ao da última edição do ano do *Universo Pittoresco* (1839). Se colocados em comparação, os textos apresentam a mesma história, com os mesmos detalhes, apenas diferenciados pela ausência de subtítulos nas divisões de capítulos deste último, que, por sua vez, complementa a narrativa com um texto enciclopédico sobre a cidade destruída que é cenário dos acontecimentos.

Creemos que muito sucesso deve ter feito o conto de personagens e espaço árabes, com direito a algumas palavras do idioma, traduzidas em notas ou em apostos

imediatos, com suas descrições das belezas das ermas ruínas, do semblante da padecente protagonista, Mazzili, da coragem de seu esposo e da fúria do homem que a raptara, tendo em vista que “As ruínas de Palmyra” recebeu duas edições em jornais no mesmo mês. Os leitores de coração forte acompanharam, talvez por duas vezes, os desesperos e a opressão de uma mulher que, sem nenhum recurso, deu à luz um filho fruto de abusos sexuais; bem a sede de vingança por parte dos homens que a disputaram, saciada apenas pelo esposo desonrado, que cruelmente assassinou seu inimigo.

Considerações Finais

No contexto de publicação de considerável quantia de periódicos destinados à ilustração e ao recreio dos leitores, muitos deles tendo em seus títulos esta intenção declarada, constatamos a presença de textos em prosa de ficção, publicados integralmente ou divididos em vários números.

Leitores ávidos por complicados nós e emoções exageradas, que nem sempre findavam a trama com a felicidade das personagens, desfrutavam, às vezes em dois veículos, de diversificadas emoções, como suspense, alegria, tristeza. Pasmos, talvez horrorizados com as cenas macabras, os leitores acompanharam histórias de amor e ódio, possivelmente torcendo para que os personagens fossem felizes.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, R. Do livro a leitura. In: CHARTIER, R. (Org). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-105.
- DARNTON, R. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MEYER, M. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RODRIGUES, E. *Mágico Folhetim: Literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.
- THÉRENTY, M. “O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX”. Trad. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. *Interfaces*, Rio de Janeiro, n. 52, jan-jul 2019 ISSN: 0104-0944

Recebido em 10/04/2019
Avaliado em 09/05/2019

Janeiro, Número 22, Vol. 1, Janeiro-Junho 2015, pp. 117-136. <Disponível em: http://www.cla.ufrj.br/images/revista22att/08_o%20longo%20e%20o%20cotidiano.pdf>, consulta em 30/10/2017.

O Mosaico. Jornal d'Instrucção e Recreio cujo lucro é applicado a favor das casas d'Asylo da Infancia desvalida. Volume primeiro. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1839. <Disponível em: www.orealemrevista.com.br>, consulta em 25 de outubro de 2017.

Universo Pitoresco. *Jornal de Instrucção e Recreio*. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1839-1840. <Disponível em: www.orealemrevista.com.br>, consulta em 25 de outubro de 2017.